Resenha

VALVERDE CASTRO, Rosario. *Los viajes de los reyes visigodos de Toledo (531-711)*. Madrid: Ediciones de La Ergástula, 2017. 237p.

Cynthia Valente [*]
Universidade Federal do Paraná

● **Enviado em: 29/10/2019**
● **Aprovado em: 22/12/2019**

María del Rosario Valverde Castro é professora titular de História Antiga na Universidade de Salamanca, na Espanha, onde também se doutorou em História. É especialista em Antiguidade Tardia, com diversos trabalhos publicados na área, como o livro *Ideología, simbolismo y ejercicio del poder real en la monarquía visigoda: un proceso de cambio* (Salamanca, 2000). Faz parte do *Grupo de Investigación en Antigüedad Tardía y Alta Edad Media* (ATHAEMHIS), da Universidade de Salamanca.

Com prefácio do historiador tardo antigo, Pablo C. Díaz Martinez, também da Universidade de Salamanca, o trabalho abrange em específico as viagens dos reis visigodos entre os séculos VI e VII. Valverde Castro começa fazendo uma revisão historiográfica sobre as recentes pesquisas na área de deslocamentos humanos na Antiguidade Tardia. Segundo ela, os trabalhos ainda são escassos, e há um vácuo historiográfico quando se trata da *Hispania* Goda. Esse vazio foi um dos motivos que a estimularam a desenvolver esse trabalho. O livro é organizado cronologicamente a partir da queda do Reino Visigodo de Tolosa, após a derrota sofrida perante francos e burgúndios na Batalha de Vouillé (507-508), obrigando-os a saírem da Aquitânia e adentrarem à Península Ibérica.

A corte estabelece-se em um primeiro momento em Barcelona, mas seu endereço não é fixo, é uma corte móvel que se desloca dependendo das demandas ocorridas em outros locais da Península, onde a dominação visigoda estaria em perigo. Esses deslocamentos eram possíveis graças às estradas romanas, que ligavam várias partes do território. Além de Barcelona, Sevilha e Mérida foram endereços régios antes da corte estabelecer-se

[*] Doutoranda em História pelo PPGHIS da UFPR e membro do NEMED. E-mail: cmariavalente@yahoo.com.br

definitivamente em Toledo, decisão tomada por Leovigildo, como parte de sua reforma ideológica e política.

Segundo as investigações da autora, as viagens foram principalmente de cunho militar, foram campanhas impulsionadas por três causas: conquistas de novos territórios; combater incursões bélicas merovíngias; e apagar focos de tentativas de usurpação do poder monárquico.

Nos capítulos que se seguem, Valverde Castro discorre sobre as viagens de Leovigildo até Rodrigo, último rei toledano. Leovigildo, o que mais viajou, devido as suas constantes campanhas de conquista e defesa de territórios, como a guerra sucessória, que foi travada com seu filho Hermenegildo a partir de Córdoba. Seu sucessor, Recaredo, não aparece nas fontes como protagonista de nenhum deslocamento pelo reino; a autora comenta que, embora Isidoro de Sevilha relate campanhas militares contra bizantinos, ao sul, e contra os vascões, ao norte, nela não aparece se o rei esteve, ou não, liderando pessoalmente seus homens.[1]

As rebeliões e tentativas de usurpação do poder régio, conhecidas popularmente como a "doença goda", continuaram dentro do reino, mas novamente não há registros de que o rei teria se deslocado pessoalmente para combatê-las.

Após a morte de Recaredo em 601 e o breve reinado de seu filho Recaredo II, os próximos monarcas voltarão a deslocar-se pelo reino para os constantes enfrentamentos nas fronteiras norte e sul. Até que haja a anexação da chamada faixa bizantina, no extremo sul, a população majoritariamente romana dessa região tentará expandir seus domínios, o Império Bizantino, e dispenderá combatentes para tal empreitada. Os reis Witerico (603-610), Gundemaro (610-612), Sisebuto (612-621) e Suintila (621-631), passaram a liderar as incursões ao sul. Portanto, os deslocamentos régios continuam motivados pelos embates com os mesmos inimigos, bizantinos e vascões.

A possessão ibérica bizantina persistiu até o ano de 625, quando o rei Suintila conseguiu expulsá-los, depois de mais de 70 anos de embates[2]. Mesmo com essa questão resolvida, a instabilidade continua a assombrar o reino dos godos. Tentativas de usurpação, vascões e francos serão responsáveis pelos próximos deslocamentos régios, os do rei Wamba.

---

1 Isid., *Hist. Goth*. p. 54.

2 Importante ressaltar que, entre a perda de *Septem* (Ceuta) para o Bizantinos em 542, durante o reino de Têudis, e a expulsão dos Bizantinos da faixa sul da Península, por Suintila, em 625, "durante os anos em que bizantinos e visigodos coexistiram na Península Ibérica, os exércitos se enfrentaram apenas uma vez, no conflito de Septem. Nas demais ocasiões, as práticas políticas bizantinas consistiram em fazer-se presente e influente nas comunidades peninsulares católicas, de origem hispano romanas, que não se identificavam com os godos arianos", Cf. VALENTE, Cynthia. "As relações políticas entre o Império Bizantino e o Reino Visigodo de Toledo durante o século VI". In: *Revista Mosaico*, v.11, 2018, p. 129.

Tendo um capítulo dedicado a ele, Wamba foi eleito monarca dos godos em 672, em uma localidade denominada *Gerticos*, na região de Salamanca, onde se deu o falecimento de seu antecessor Recesvinto. Após o pleito, a corte e o novo rei se deslocam até a capital Toledo para dar início às cerimônias de coroação, com a benção do bispo toledano.

Wamba teve alguns aspectos do seu reinado bem descritos por Juliano de Toledo na *Historia Wambae regis*. Essa fonte garantiu que ficássemos sabendo acerca dos rituais que envolviam o rei quando esse partia para a guerra, além da presença de estandartes na tropa, o uso do cavalo pelo monarca, constatando a presença de signos diferenciados para os reis.

Wamba enfrentará os vascões de forma incansável durante sete dias, resultando na libertação de reféns e na capitulação dos rebeldes. Quase que ao mesmo tempo estava ocorrendo outra rebelião nas terras godas da região de Nimes: o rei, ocupado com os vascões, envia o Duque Paulo, mas esse acabou por juntar-se aos rebeldes contra o monarca.

O documento de Juliano de Toledo nos fornece detalhes significativos referentes ao deslocamento do rei para conter o Duque Paulo e os rebeldes – segundo a autora, é o relato mais detalhado de uma viagem régia visigoda[3].

Após as viagens de Wamba, teremos registro de deslocamentos apenas com os reis Égica e Witiza, não propriamente um relato, mas alguns registros pontuais, em cartas do bispo Juliano, Crônicas e Atas de Concílios, essas viagens no entanto terão uma outra característica: os reis não viajaram apenas para embates bélicos, outras motivações, como promulgação de leis e assistência em Concílio, tiveram lugar nesses reinados.

O rei Égica, segundo a *Crónica de Alfonso III* [4], teria combatido com os francos por três vezes, saindo derrotado em todas. Mas, como as fontes são tímidas, a autora afirma que há uma necessidade de comprovação maior acerca desses deslocamentos, são questões que a autora compartilha com o leitor, para que o mesmo tenha familiaridade com a dificuldade que é trabalharmos com a Antiguidade Tardia.

Os anos finais da monarquia goda não nos oferece oportunidades maiores de fontes, essa lacuna torna-se ainda mais profunda com o fim dos registros das Atas Conciliares, estas que nos auxiliam enormemente na exploração do Reino Visigodo de Toledo. Esses registros são a principal fonte de informação acerca do reino: o último que se conservou foi a Ata do XVII Concílio de Toledo de 694 [5].

3 Ivl. Tol., *Hist. Wamb.,1990, p. 89-114*.
4 *Ad Seb 4.*
5 Toledo XVII, 1963, p. 522-537.

Filho de Égica, Witiza sucede ao pai após a morte desse, que teria ocorrido em Córdoba, é possível que seu filho tenha se deslocado até essa cidade e depois retornado a Toledo. Fontes como a *Crónica de Alfonso III* e a *Crónica Mozárabe del 754* informam que Witiza teria retornado a Toledo após a morte do pai para ascender ao trono, desde a cidade de Tuy. A falta de informações a precisar acerca dos anos de reinado de Witiza não esclarece precisamente onde estava o futuro rei, além de silenciar acerca de possíveis viagens régias. Um reinado sem registros para o pesquisador, não temos sequer dados sobre onde teria sido o Concílio XVIII, último realizado, mas não documentado. Witiza faleceu de causas naturais depois de dez anos de reinado, em Toledo.

O penúltimo capítulo trata sobre as viagens de Rodrigo, o último rei visigodo. O sucessor de Witiza ficou pouco tempo no poder e, a maior parte dele, em combate, primeiramente, contra os vascões e, depois, contra os muçulmanos, que tinham invadido a Bética.

Segundo a *Crónica Mozárabe del 754* [6], a invasão do território hispânico pelos berberes foi facilitada pela instabilidade interna em que se encontrava o reino visigodo de Toledo. Essa instabilidade fez com que o rei se deslocasse em mais de uma frente de batalha, dentro desse capítulo, Valverde Castro mostra a existência de grupos nobiliárquicos contrários a Rodrigo e ligados aos filhos do antecessor Witiza. A autora procura expor a análise de outros autores a respeito desse grupo, que teria sido liderado por um personagem de nome Ágila II, e como tal rebelião influiu na capitulação do reino perante os muçulmanos em 711, na Batalha de Guadalete, onde o rei Rodrigo também desaparece.

Ao fim do livro, a autora apresenta suas conclusões acerca do trabalho e estabelece três principais aspectos: o tema das viagens régias é uma questão escassamente tratada nas fontes do Reino Toledano; em uma primeira fase, o reino se deslocava juntamente com o monarca, isso muda com Leovigildo, quando esse estabelece a capital do reino em Toledo, a partir daí, a corte permanecia na capital e o rei se deslocava independentemente; em sua maioria as viagens régias tiveram uma motivação belicosa com Leovigildo, período em que os godos estabeleceram um grande domínio na península, as viagens diminuíram.

O trabalho da historiadora Rosario Valverde Castro lança luz sobre uma temática que está sendo explorada na historiografia, a questão das mobilidades. Motivados por diversas situações, sejam régios, matrimoniais ou de cunho religioso, como as peregrinações, fossem

6 *Chron. Muz.* 54.2 – 4 y 7 – 8.

elas voluntárias ou involuntárias, esses deslocamentos nos mostram um mundo em movimento.

Os objetivos bélicos podem ser considerados como grandes motivadores de deslocamentos nesse período, em que as monarquias romano-bárbaras tinham redefinido as antigas fronteiras do Império Romano.

Embora trabalhando com a escassez de fontes acerca dos deslocamentos régios, a autora conseguiu mostrar como alguns monarcas toledanos reagiam perante as ameaças ao reino – de um modo geral, foram eles a liderarem seus homens para as batalhas, em uma clara demonstração de liderança.

As viagens régias visigodas nos mostraram um mundo em movimento, uma realidade dinâmica, em que através dessas movimentações os reis procuraram mostrar o seu poder.